A ATUAÇÃO DA IGREJA NA DITADURA MILITAR

O presente trabalho, tem por objetivo apresentar a atuação de igrejas como as Católica e Metodista, durante o regime da Ditadura Militar. Suas participações, enquanto igreja, teve uma forte limitação durante o regime, quando cerceadas a sua participação como igreja e também como um a voz política em meio a sociedade.

Como é de conhecimento geral, em 31 de março de 1964, os militares derrubaram
o presidente da República, João Goulart, que acabou se exilando no Uruguai e com isso enterraram definitivamente as chamadas “Reformas de Base” defendida pelo presidente e por vários setores da sociedade. Logo após o Golpe militar começou uma violenta repressão às esquerdas. A sede da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi queimada, universidades invadidas e integrantes das Ligas camponesas, da Ação Popular e do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) perseguidos e presos, além da cassação dos direitos políticos de várias pessoas.

O governo João Goulart (1961-1964) foi marcado por turbulências nos campos político, social e econômico. Desde a primeira metade da década de 1950, os movimentos dos camponeses e dos operariados urbanos começaram a se organizar, de forma mais autônoma, em relação ao populismo varguista, do qual João Goulart era herdeiro.

As ligas camponesas organizadas por Francisco Julião aglutinavam os pequenos agricultores, os sindicatos rurais recebiam orientação do Partido Comunista Brasileiro, as greves promovidas pelos operários urbanos passaram a expressar cada vez mais a necessidade de reformas políticas e os estudantes se movimentavam em busca de liberdade e autonomia nas universidades (FAUSTO, 2004).

As igrejas, Católicas e protestantes também não estavam satisfeitas com a forma como João Goulart procedia, mas por hora, preferiram não ter voz em relação a atuação do governo e as reformas pretendidas. Estrategicamente, o discurso conservador das entidades antirreformistas não mirava o presidente e nem as propostas reformistas, pois as mesmas eram bem recebidas pelas populações pobres, mas se voltava para o sentimento religioso dos brasileiros.

Em contra partida, a igreja católica, com os Jesuítas, que já tinham fundado o Centro de Estudos e Ação Social (CEAS),em 1960,para ser um lugar de reflexão sobre as questões sócio-econômicas, acabou se tornando um lugar de resistência aos militares.

A partir de março de 1969, o CEAS começou a publicar uma revista que foi chamada de Cadernos do CEAS que reflete bem o pensamento da instituição. Os *Cadernos* nasceram como uma forma da instituição poder analisar a realidade do Brasil naquele momento, e entender as transformações que o país passava em um período de crescimento acelerado da economia.

Segundo Joviano Carvalho Neto.” Os Cadernos do CEAS, por terem surgido no período ditatorial, foram muito orientados pela luta contra o regime autoritário, utilizando a força das ideias” (CEAS, 1994:15)”.

Também, o Jornal Expositor Cristão (da igreja Metodista), fundado em 1885, pelo missionário J.J. Ranson, nos anos sessenta era publicado quinzenalmente. Desde o seu aparecimento, esse jornal se traduzia no principal informativo dos metodistas. Nele eram publicadas atividades realizadas pelas igrejas locais, as agendas das lideranças, as reflexões episcopais sobre temas em circulação na sociedade, enfim, todas as informações essências dessa denominação. Esse informativo servia como um dos poucos espaços

de intercâmbio de conhecimentos e práticas eclesiásticas do metodismo brasileiro.

Publicado um dia após a instituição do golpe da ditadura, este semanário, não fez qualquer menção ao fato, mesmo porque a dificuldade de impressão da época não permitia fazer um jornal em poucas horas como hoje, então eram preparados com dias de antecedência e não se podia mexer na pauta e mesmo os meios de comunicação mais conhecidos, não tinham a clara noção do acontecido, então não se poderia esperar muito de um simples informativo de uma igreja.

Quinze dias após a instituição do regime ditatorial, no semanário desta igreja, não houve uma menção sequer teológica acerca do assunto, nenhuma reflexão dos lideres desta igreja se fez bradar no silêncio momentâneo das instituições religiosas.

No entanto, a igreja Católica, ergueu a sua voz, através dos Cadernos do CEAS, os membros do *Centro Social* denunciaram a violação dos direitos humanos, a restrição dos direitos individuais e criticaram o modelo econômico excludente defendido pelos militares. Os três primeiros cadernos saíram ao mesmo tempo, em março de 1969, e abordavam a situação política do Brasil pós-AI-5. Esses três primeiros números criticavam os poderes extraordinários que o Poder Executivo conseguiu com esse Ato Institucional, analisavam a relação do Estado com a sociedade e defendiam a volta ao Regime democrático.

No caderno número 1 estava reproduzido o documento da CNBB, "*Declaração dos membros da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*", que tinha
sido entregue pelos bispos ao presidente da República.

As igrejas de um modo geral, tiveram uma participação muito abaixo do que se poderia esperar das igrejas em geral. Silenciaram-se quando deveriam ter voz e vez.

A igreja católica, foi um pouco mais atuante que as outras pois participava também da política com mais ênfase, ao contrário das outras que só entraram na política mais tarde.

A igreja católica, deu um passo atrás, quando teve um padre assassinado em Recife. A igreja Católica no Brasil se vê atingida pela violência implantada pelo AI-5. Pela primeira vez na história brasileira, um padre fora assassinado por motivos políticos.

Com isso, a igreja católica rompeu com a política, e através do CEAS, tomou voz e pedia a redemocratização e a volta dos direitos fundamentais do cidadão, a igreja Metodista, gritava que os evangélicos precisavam se unir e se sindicalizar, a fim de lutar contra o regime.

> "Penso que se Cristo vivesse hoje entre nós, não teria pavor de entrar para o sindicato de sua classe: o dos carpinteiros. E você trabalhador evangélico? Pedreiro, pintores, mecânico, bancário, comerciário, vendedor, médico, enfermeiro, professor, operário da pena e do martelo, trabalhador intelectual ou manual, onde está você? Colhendo os louros das vitórias conquistadas por seus companheiros de profissão, apesar de suas críticas injustas e descaridosas? Ou batalhando ao lado deles, para melhoria das condições de vida dos trabalhadores de sua classe e de todos os demais? (EXPOSITOR CRISTÃO, ano 79, n. 6: 15/03/1964)".

A igreja Presbiteriana, se mantinha alheia a tudo e continuava com seus projetos socias: "onde trabalhamos, preocupa-se com a vida integral do homem – a alma, a mente e o corpo!

Cuidamos dos pobres, formamos um programa de recreio, abrimos uma biblioteca, discutimos assuntos sociais, incluímos a reforma agrária, o homem industrial, etc. A Igreja também mantém um curso de alfabetização de adultos" (EXPOSITOR CRISTÃO – 79).

Enfim, a participação da igreja em meio a revolução da ditadura militar, não foi a esperada. Foi aquém daquilo que o povo almejava e precisava.